



Decifra-me ou te devoro: uma análise do impacto da Internet¹

Janara Sousa²

Resumo

As pesquisas sobre os meios de comunicação incorrem, na maior parte das vezes, numa subjugação do papel desses meios. Acreditamos que isso acontece porque, de uma maneira geral, a tecnologia é vista com algo dado, neutro, o que certamente faz com que os estudos se centrem mais no conteúdo do que nos próprios meios de comunicação. Propomos nesse artigo fazer investigação sobre o impacto das tecnologias e, especialmente, dos meios de comunicação no comportamento social das pessoas. Para tanto, utilizamos a Internet como recorte privilegiado de atenção e a Teoria do Meio, que tem como precursor Marshall McLuhan e como continuador Joshua Meyrowitz, para explicarmos o fenômeno do impacto dos meios. Esperamos, com essa pesquisa dar pistas mais seguras sobre o impacto da Internet.

Palavras-chave

Tecnologia; Internet; Teoria do Meio; meios de comunicação; epistemologia da Comunicação

Introdução

Quanto mais nos avizinhamos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento (HEIDEGGER, 2006, p. 38).

O que é tecnologia? O que são os meios de comunicação? A maior parte das respostas a essas perguntas vai se referir ao instrumento, à tecnologia e aos meios de comunicação como forma de obter um fim ou como artefatos que facilitam a nossa vida. Certamente, essas respostas não estão erradas, mas estão incompletas. Elas falam do que saltam aos olhos, do que está nas aparências. Contudo, acreditamos que o que está oculto pode ser a chave da compreensão do impacto dos meios de comunicação.

A proposta desse artigo é dar contornos um pouco mais precisos sobre o impacto da Internet. O impacto do meio e não da mensagem! Para tanto, não nos sentimos confortáveis em falar da Internet sem antes traçarmos um caminho que julgamos fundamental para uma discussão sobre os meios de comunicação.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Teorias da Comunicação.

² Janara Sousa é jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente, faz doutorado em Sociologia, na linha de pesquisa Educação, Ciência e Tecnologia, também pela Universidade de Brasília, e é professora do curso de graduação e da pós-graduação da Universidade Católica de Brasília. E-mail: janara.sousa@gmail.com



Discutir a Internet nos levou a três perguntas cruciais: o que é tecnologia? O que são os meios de comunicação? Qual o impacto desses meios? A primeira e a segunda pergunta foram feitas porque, de uma maneira geral, convencionou-se tratar a tecnologia como um dado, um instrumento neutro, que, sendo assim, não vale a pena pesquisar. Certamente, essa postura cria problemas graves, considerando que relega os estudos do fenômeno tecnológico para o limbo do esquecimento. Na esteira desse processo, o meio de comunicação é outra vítima! Como instrumento tecnológico, ele é também olhado com a mesma naturalidade, como se fosse óbvio o seu conceito. Isso pode ser observado numa rápida passada de olhos pela literatura acadêmica sobre a Comunicação. É muito difícil ver algum pesquisador se dedicar à definição de meio de comunicação. Essas duas perguntas nos pareceram o caminho necessário e a base fundamental para discutirmos o impacto dos meios. Para tratar desse ponto utilizamos o arcabouço teórico da Teoria do Meio, do pesquisador Joshua Meyrowitz, que traz reflexões preciosas sobre o impacto do meio no comportamento social.

A análise que propomos sobre a Internet é focada no impacto do meio propriamente dito. O objetivo desse artigo é investigar o complexo fenômeno da rede e tentar apontar algumas nuances do seu impacto.

1. No princípio era a técnica!

O primeiro desafio que lançamos nesse artigo é duvidar do que é a tecnologia e de qual é o seu papel na sociedade. Mas, onde está a dúvida? Ela está no senso comum, que, inequivocamente, orientou de certa maneira a pesquisa científica e tecnológica e fez com que muitos pesquisadores defendessem a neutralidade da tecnologia, ou seja, ela é um dado, que deve ser analisado meramente pela sua eficácia. Para Trigueiro (2007) a tecnologia tem sido pensada pela porta dos fundos da ciência e isso limita a construção de teorias genuínas sobre o fenômeno tecnológico.

Nossa hipótese é que esse posicionamento da comunidade científica e tecnológica, que julga a tecnologia pelas aparências, na verdade, mais precisamente, a vê como um conjunto de instrumentos e artefatos que são analisados pelo ponto de vista de sua utilidade, condenou o rumo das pesquisas em Comunicação, que, indubitavelmente, voltaram-se muito mais para o conteúdo e para os efeitos (KATZ, 1990), do que para o que são os meios de comunicação e qual o impacto deles. Dentro desse cenário, é fácil perceber porque isso aconteceu. Os meios de comunicação, assim como outras tecnologias, foram vistos como simples aparelhos, neutros na essência, meros



transmissores de informação. Sem dúvida, esse equívoco, que pode parecer até ingênuo, foi orientado, como colocamos antes, pela forma de perceber a tecnologia de modo geral, pela condição de não ver além das aparências, pelo vício, ratificado muitas vezes por famosos pesquisadores, como Habermas, de não ver além da utilidade desses instrumentos. O resultado dessa operação foi deixar o estudo da tecnologia de lado, salvo em caso de resistência de pesquisadores que enxergavam o perigo de subjugar o fenômeno tecnológico, e, conseqüentemente o papel dos meios de comunicação.

Assim colocado, antes de falarmos sobre os meios de comunicação, cabe nos concentrar mais profundamente sobre o que é a tecnologia.

O questionamento a respeito da natureza da tecnologia e do lugar que ela ocupa na sociedade tem proporcionado, recentemente, amplo debate na literatura, envolvendo diferentes enfoques, posições filosóficas e metodologias. São muitas perspectivas teóricas que se confrontam e se superpõem, evidenciando, a um só tempo, a grande complexidade do fenômeno em discussão, e o relativamente recente peso (nos últimos cinquenta anos) que o assunto passou a ganhar entre os autores que lidam com a problemática do conhecimento (TRIGUEIRO, 2007a, p. 8).

De acordo com Trigueiro, temos aproximadamente 50 anos de esquentamento do debate sobre a tecnologia. Ainda conforme o pesquisador, o texto que intensifica esse debate é “The question Concerning Technology”³, de Martin Heidegger (TRIGUEIRO, 2007a).

A partir da agora vamos examinar, especialmente, o instigante e revelador pensamento de Heidegger devido à sua contribuição seminal no debate sobre a tecnologia. O autor, respeitando sua filiação fenomenológica, se propõe a olhar além das aparências e descobrir a essência da tecnologia. Antes de começarmos, é importante notar que esse artigo não se propõe a uma análise essencialista da técnica, o qual poderia redundar igualmente em outros problemas, contudo é impossível não apresentar e discutir esse pensamento complexo e desafiador de Heidegger.

Para Heidegger existem duas concepções correntes sobre o que é a técnica⁴: 1 – a técnica é meio para um fim; 2 – a técnica é uma atividade do homem. Para o autor, ambas as explicações se pertencem:

³ HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In: **Ensaio e Conferências**. _____. Rio de Janeiro: Editoras Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2006, 3. ed, pp. 11 a 38.

⁴ No original, do texto de Heidegger, ele faz uso da palavra “tecnologia” e não “técnica”. Contudo, na tradução para o português veio a palavra “técnica”. Portanto, para evitar futuras complicações, utilizaremos, nesse artigo, “técnica” como sinônimo de “tecnologia”, mesmo sabendo que há alguns autores que marcam diferenças entre os dois verbetes, aqui optamos por usá-los como sinônimos.

Pois estabelecer fins, procurar e usar meios para alcançá-los é uma atividade humana. Pertence à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isto é a técnica. A própria técnica é também um instrumento, em latim *instrumentum* (HEIDEGGER, 2006, P. 12).

O primeiro conceito de técnica, acima citado, que a considera um meio é uma concepção instrumental. O segundo, que considera a técnica uma atividade humana, é uma concepção antropológica da técnica.

Heidegger afirma que ambas as acepções sobre técnica estão corretas. Inclusive, se elas se referirem à tecnologia moderna, porque ela também é um meio para se alcançar um fim. O autor afirma que a acepção instrumental da técnica faz um esforço para colocar o homem num relacionamento direto com ela. É uma questão de saber operá-la, manipulá-la. Nesse sentido, o homem anseia dominar a técnica. E essa ânsia é proporcional à capacidade da tecnologia de não se deixar controlar.

Contudo, para Heidegger, essa é uma visão ôntica da tecnologia. Ela fala das aparências, do que está óbvio aos olhos. Para o autor, não está errado, mas não é verdadeiro. Não fala da essência da técnica.

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é da verdade (HEIDEGGER, 2006, p. 17).

Assim colocado, a técnica refere-se muito menos a um meio do que a um processo que se repousa na possibilidade produtiva. Essa é uma visão ontológica da técnica, que tenta ver além da sua utilidade e da sua pretensa neutralidade. Heidegger afirma então que quem se coloca para desenvolver algo descobre as possibilidades do a ser-produzido na perspectiva dos quatro modos de deixar-viger. A técnica é, portanto, uma forma de desencobrimento, no qual acontece a verdade.

Para tornar mais claro: o que marca a tecnologia? Para Heidegger o que marcou o surgimento da tecnologia foi a luta humana pela sobrevivência no domínio da natureza. Todavia, o autor acredita que com o surgimento da ciência, a relação se inverteu, e o homem passou a dominar a natureza por meio da tecnologia. (HEIDEGGER, 2006). E o que claramente permanece é o apelo explorador de vencer e dominar a natureza.

Para Heidegger há uma primazia da técnica em relação à ciência. Ao contrário do pensamento corrente que sustenta a tecnologia como uma filha da ciência, Heidegger



afirma o contrário. “Heidegger inverte essa visão e reivindica que a moderna ciência é essencialmente uma filha da tecnologia” (tradução nossa) (IHDE, 2006, p. 281). Os argumentos contra Heidegger podem dizer que a ciência se utiliza da tecnologia, ou, mais precisamente, dos seus instrumentos. Contudo, conforme Ihde, a ciência precisa dos instrumentos como uma condição necessária para as suas investigações, mas esse ainda não é o argumento forte para dizer que ou a ciência ou a tecnologia estão na origem.

Heidegger afirma que se a essência da tecnologia é o apelo explorador, é olhar a natureza como uma fonte de energia que pode ser explorada e estocada, essa essência, portanto, já condicionou o comportamento da ciência (IHDE, 2006). Assim colocado, a tecnologia moderna vem primeiro e a ciência sofre o impacto da essência dela. “Thus, hidden behind modern physics is the spirit of technology, technology in its ontological sense as world-taken-as-standing-reserve” (IHDE, 2006, p. 282).

Portanto, acreditamos que a tecnologia é bem mais do que artefatos e instrumentos. Esses são, na verdade, a ponta de um iceberg de grandes proporções mergulhado em águas profundas. A tecnologia é uma escolha de um caminho dentre vários possíveis (TRIGUEIRO, 2007a).

Uma tecnologia pressupõe, necessariamente, uma escolha – uma seleção – uma seleção entre alternativas possíveis -, em que certas opções são privilegiadas em detrimento de outras. Cada uma das possibilidades tecnológicas representa um interesse social específico. Assim, uma tecnologia traduz, dentro de si, um aspecto de positividade (sua forma concreta aparente) e uma dimensão de exclusão (relativa às opções que foram preteridas por esta forma concreta), e, além disso, encerra um conflito de interesses sociais. Daí o caráter não-neutro da tecnologia (TRIGUEIRO, 2007a, p. 34).

2. Início, meio e fim – afinal o que é meio de comunicação?

“O meio é mensagem”, afirmou na década de 60 o polêmico e inspirador pesquisador Marshall McLuhan. McLuhan, assim como essa frase, foi pouco compreendido e muito julgado. O meio é a mensagem, ou seja, a mais importante mensagem que um meio de comunicação pode nos dar é a sua própria existência. Contudo, a afirmação de McLuhan jamais poderá ser entendida se não investigarmos o que é um meio de comunicação.

O meio de comunicação, sem dúvida, foi o objeto de menos interesse da Academia. Conteúdo, receptores, emissores sempre tiveram mais espaço nas



universidades e nas bibliografias sobre Comunicação. Contudo, acreditar que o meio propriamente dito não importa, ou seja, que ele seja um mero transmissor pode ser perder uma grande chance de entender mais aprofundamente o impacto das tecnologias comunicacionais. É incorrer na perspectiva ingênua de que a tecnologia é neutra, que problematizamos no tópico anterior.

Para McLuhan (1964) o meio é pouco estudado porque ele está aí...e parece tão óbvio seu significado, seu conceito, que dispensa investigação. Ocorre com ele o mesmo que problematizamos anteriormente sobre a tecnologia: é algo dado. Mas, vale tentar ver o que está atrás do que é tão óbvio.

Procurar na literatura acadêmica da Comunicação o que é um meio de comunicação é a prova de que o assunto foi pouco pesquisado. A resposta mais comum é afirmar que os meios de comunicação são meros transmissores de informações. Desaparece o meio, aparece a mensagem. Portanto, não pudemos nos furtar a dar uma clara explicação sobre o que é meio de comunicação, tarefa que nem McLuhan conseguiu executar.

Para Martino (2007)⁵, a principal diferença entre os objetos técnicos em geral e os meios de comunicação é que os primeiros produzem uma ação sobre o mundo, enquanto os meios de comunicação são técnicas de representação ou tecnologias do simbólico.

Martino é um dos poucos pesquisadores que se preocupa em entender o que são os meios de comunicação. Portanto, ele propõe uma instigante definição. O autor defende que a comunicação é a interferência técnica nos processos simbólicos. Ou, mais precisamente os meios de comunicação são simulações tecnológicas da consciência e o principal produto deles é o compartilhamento da experiência social.

Os meios de comunicação são, então, objetos técnicos que guardam uma relação bastante especial com a consciência na medida em que se manifestam como uma extensão da consciência ou, como nós preferimos dizer, como simulação da consciência.

Dessa forma nós chegamos a uma definição conceitual – os meios de comunicação são simulações da consciência – bastante simples, mas que pode abrir algumas novas perspectivas no estudo dos meios de comunicação. (MARTINO, 2000, p. 110).

Assim colocado, Martino vai na contramão dos que acreditam na pouca importância dos meios. Muito além de conteúdo que eles podem trazer, o que autor

⁵ Notas de aula. Colhida na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.



defende é que os meios não só viabilizam o acesso à experiência social, como também a geram. Aliás, ainda conforme o autor, os meios alargaram e muito a experiência social.

Para Martino (2007) os meios de comunicação problematizam a realidade. A mediação interfere diretamente no acontecimento e é por essa razão que o autor coloca que os meios também geram a experiência social. Por conta dos meios o nosso presente se tornou mais extenso, os meios geram a atualidade. O nosso social se identifica com o comunicacional porque ele precisa ser compartilhado com a sociedade e esse esforço só se realiza mediante a mediação tecnológica dos meios (MARTINO, 2007).

O autor classifica⁶ os meios em dois tipos: 1 – o meio ferramenta – aquele que é acionado pelo corpo humano; e 2 – o meio máquina – que independe do corpo humano. A televisão, por exemplo, é um meio máquina porque funciona “sozinha”, ou seja, a única demanda do usuário é acionar o controle remoto. A programação é “despejada” para o telespectador. Já a Internet é um meio ferramenta. Para utilizar a rede é necessário uma pergunta, ou seja, é preciso dar comandos intencionais para se obter a resposta que se deseja. Não basta ligar o computador e esperar que a Internet funcione sozinha! Como uma programação de televisão. Martino acredita que os meios máquinas, como rádio, TV e jornal, geram o atual. Já os meios ferramentas, como o telefone e Internet, geram a experiência social.

Acreditamos que a definição e classificação de Martino são adequadas para vermos os meios de comunicação para além de simples ferramentas técnicas. O autor nos mostra além das aparências desses objetos que de tão incorporados ao nosso cotidiano parecem dispensar investigação.

3. Muito além do conteúdo – a contribuição da Teoria do Meio

Uma vez que discutimos o conceito de meio de comunicação, agora é a hora de nos aprofundarmos no impacto deles. Isso, sem dúvida, nos dará subsídios para refletirmos sobre a Internet. Escolhemos como suporte teórico para essa discussão a Teoria do Meio, de Joshua Meyrowitz, que é uma tradição de pesquisa que tem como objeto privilegiado os meios de comunicação, ou seja, o impacto deles e não das mensagens veiculadas neles.

⁶ Notas de aula. Colhida na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.

A Teoria do Meio, de acordo com Meyrowitz, pode ser dividida em duas gerações. A primeira geração, cujos principais representantes são Innis e McLuhan, se preocupou o impacto macrosocial dos meios. A segunda geração, cujo principal representante é o próprio Meyrowitz, tem como característica principal o estudo do impacto do meio na interação face-a-face ou, mais precisamente, como o meio pode impactar na vida do cidadão comum.

Para Meyrowitz cada meio de comunicação tem características próprias que modificam a forma como estamos e como vemos o mundo. Os meios de comunicação eletrônicos, por exemplo, diminuem a importância da presença física. Até o significado social dos “muros” familiares foram transformados. O que é estar confinado agora num espaço geográfico determinado quando se tem acesso à Internet, por exemplo?

O autor acredita que cada meio cria um novo ambiente para vivermos que exige de nós níveis diferentes de atenção, rapidez e comprometimento. O jornal impresso, por exemplo, nos exige uma leitura atenta, que pode ser determinada pelo ritmo próprio de cada um. Já um rádio exige de nós atenção, rapidez e uma adequação ao ritmo dele.

Conforme Meyrowitz, isso afeta o comportamento social e a nossa identidade porque nos faz perder o sentido de espaço, muda o sentido de grupo (nós *versus* eles) e enfraquece os limites entre o público e o privado. “A introdução e o uso difundido de um novo meio de comunicação pode reestruturar várias situações e requerer novos ajustes de desempenhos sociais” (tradução nossa) (MEYROWITZ, 1985, p. 39).

Segundo o autor para entender o efeito dos meios de comunicação no comportamento é preciso tirar o foco de que as situações sociais e os comportamentos são estáticos e nos permitimos encará-los como dinâmicos.

Meyrowitz acredita que os meios podem afetar as definições de situação porque transformam as restrições físicas por meio do fluxo de informações. “Mudando as fronteiras das situações sociais, os meios eletrônicos não nos dão simplesmente rapidez ou mais acesso a eventos e comportamentos. Eles nos dão, ao invés disso, novos eventos e novos comportamentos” (tradução nossa) (MEYROWITZ, 1985, p. 43).

Isso significa que os meios de comunicação transformam as situações sociais na medida em que permitem o acesso às informações de forma diferente, sobretudo quando tratamos de meios eletrônicos. Os limites entre os grupos de identidade, por exemplo, ficam bastante abalados por conta do nível de informação que um grupo tem do outro.

Para Meyrowitz analisar as mudanças no comportamento social por conta da inserção de um novo meio de comunicação, ele se apropria das categorias de



comportamento propostas por Erving Goffman: os comportamentos que o indivíduo sempre tem; os que o indivíduo nunca tem; e o comportamento que as vezes o indivíduo pode ter em determinada situação.

Cada um de nós desempenha vários papéis sociais, mesmo que inconscientemente, e nós jogamos com esses papéis o tempo inteiro, de acordo com a situação que estamos vivendo. Goffman descreve a vida social usando uma metáfora com o drama. Para cada audiência nós apresentamos diferentes versões de nós mesmos (SOUSA, 2003).

Goffman divide os comportamentos sociais em duas categorias: *back region* (*backstage behavior*) e *front region* (*onstage behavior*). Conforme Meyrowitz, o *front region* são os papéis ideais que jogamos para uma particular audiência. Já o *back region* são os papéis que jogamos quando estamos despreocupados, sem estar diante de uma audiência determinada. Na verdade, não existe fronteiras rígidas entre esses dois tipos de comportamentos.

A metodologia que Meyrowitz utiliza para analisar o impacto dos meios de comunicação no comportamento social das pessoas é a partir da análise dos comportamentos descritos acima – *back region* e *front region* – nas seguintes categorias de papéis sociais: de afiliação, ou seja, grupos de identidade; de transição, ou seja, de socialização; e de autoridade ou grupos de hierarquia.

Na vida de uma pessoa, invariavelmente esses papéis estão sempre presentes e se misturam entre si. Um homem, por exemplo, pode jogar com seu papel de profissional, de pai, de filho, de estudante, de representante do mundo masculino, enfim ele exerce cada um desses papéis de acordo com as situações que é demandado.

Para Meyrowitz, os grupos de identidade podem conceber os “separados, mas iguais” (como homens e mulheres), sem ter categorias de hierarquia ou socialização. Já os grupos de socialização são representados pelas pessoas que estão em estado de transição, por exemplo, um estudante de Jornalismo. Ele ainda não é jornalista. Está aprendendo a ser. Está conhecendo os “segredos” da profissão, ou seja, está aprendendo como agem os jornalistas. Os grupos de hierarquia são os “separados e desiguais”, como, por exemplo, políticos e eleitores.

Para discutir cada categoria de papel social o autor vai usar três variáveis: acesso à informação social, as distinções entre os comportamentos *back region* e *front region* e o acesso às localizações físicas.

Meyrowitz se preocupou especialmente com o impacto dos meios eletrônicos, na verdade, ele focou a pesquisa no impacto da televisão. Vamos descrever resumidamente

algumas conclusões do autor em relação à televisão para formularmos nossas próprias hipóteses sobre os prováveis impactos da Internet.

Meyrowitz acredita que nas sociedades impressas⁷ ter acesso e produzir informações prevê habilidades específicas de ler e escrever bem. Portanto, qualquer sistema impresso é muito mais seletivo e exclusivo que o complexo da linguagem falada. Já os meios de comunicação eletrônicos, como a televisão e o rádio, não exigem que o indivíduo domine um código complexo. A televisão, por exemplo, tem basicamente um nível de complexidade que, uma vez compreendido, a pessoa pode assistir a qualquer programação que desejar, mesmo que não compreenda o conteúdo.

O autor acredita que a técnica da TV é basicamente a experiência natural. Ela não apresenta a realidade, mas parece mais com o real do que sentenças de parágrafos (MEYROWITZ, 1985). Os diferentes níveis de complexidade da experiência impressa segrega naturalmente as pessoas. A necessidade de ter domínio de um código fomenta a existência de especialistas. Para Meyrowitz, no meio impresso as informações são tecnicamente públicas, mas pertencem a grupos privados de especialistas.

A televisão traz o apelo, a emoção para o primeiro plano. Ambiciona literalmente mostrar o real. Traz elementos da vida privada dos indivíduos como se fossem de propriedade pública. Para Meyrowitz isso acontece porque a fronteira entre o público e o privado na TV é muito tênue. Ela dá um caráter mais prático e informal às situações porque promove a mudança do front region para o back region. O autor acredita que a televisão é muito próxima da interação face-a-face, por isso, permite desenvolver um estilo mais pessoal, ao contrário do impresso. Na TV a expressão talvez seja bem mais dominante que as palavras. A TV não apela para racionalidade (característica da escrita e do impresso), mas para as emoções. O autor defende que quanto mais o meio de comunicação focar os aspectos da realidade, quanto mais ele focar a realidade sem edição, mais comprometido com a realidade ele nos parecerá. O telefone é um exemplo. Quando o utilizamos quase nem percebemos a presença de um meio.

Uma das mais profundas diferenças que os meios eletrônicos, especialmente a TV, trazem, em relação ao meio impresso, está ligada à questão da segregação, que está relacionada com a questão da acessibilidade. Os meios eletrônicos quebram essa relação

⁷ Os teóricos do meio, como Walter Ong, Marshall McLuhan e Harold Innis, para explicar os efeitos dos meios de comunicação dividem a sociedade em três períodos: oral, escrito, escrito/impresso e eletrônico. A era oral é marcada pela ausência de um código escrito. A era escrita é quando surge a primeira mediação complexa: o código escrito. A era impressa ou escrita/impressa é marcada pela presença dos tipos móveis, especialmente, depois da Revolução Industrial, que realmente possibilitou a impressão em massa. E, finalmente, a era eletrônica é marcada pela forte influência dos meios de comunicação eletrônicos, como: rádio, televisão, telefone e etc.



entre o lugar físico e o lugar social. Se antes era precisa se locomover, do ponto de vista geográfico, para ter acesso às informações, agora sem sair de casa podemos acessar diversas bibliotecas. “Alterando as características informacionais do lugar, os meios eletrônicos moldam situações sociais e identidades sociais” (tradução nossa) (MEYROWITZ, 1985, p. 117). O que o autor quer dizer que relacionar-se com outras pessoas não depende mais do lugar físico em que o indivíduo se encontra.

Além da questão do espaço, que é profundamente modificada por conta dos meios eletrônicos, tem-se também a questão do tempo. O “ao vivo” da televisão nos traz também uma nova noção do tempo, o tempo real, ou um tempo sempre presente. Na verdade, os meios eletrônicos proporcionam uma avalanche de informações nunca antes vista. Por isso, ao contrário de um livro, por exemplo, a TV não tem uma relação direta com o conteúdo.

Essa possibilidade de ofertar informações faz com que Meyrowitz defenda que os meios eletrônicos misturam as experiências dos diversos grupos. As fronteiras entre os grupos de identidade, de socialização e hierarquia estão abaladas por causa da disponibilidade e do acesso à informação.

4. “Desvendando” a rede

Diante do que colocamos até aqui, acreditamos que podemos tentar olhar além das aparências da Internet. A proposta fenomenológica de Heidegger sobre a técnica, talvez caiba muito bem agora, que precisamos ver o que está por trás, o que não se revela imediatamente ao olhar.

Qual o impacto da Internet? A resposta a essa pergunta não é fácil. Para entendermos esse novo meio de comunicação, que Martino muito bem classificou como meio ferramenta, por causa da capacidade de promover experiência social, vale mergulhar um pouco na sua história.

Castells acredita que é fundamental entendermos a história da construção da rede para percebemos as características que ela tem hoje:

A história do desenvolvimento da Internet e da convergência de outras redes de comunicação para a grande Rede fornece material essencial para o entendimento das características técnicas, organizacionais e culturais dessa rede, assim abrindo o caminho para a avaliação de seus impactos sociais (CASTELLS, 1999, p. 375).

A história da Internet já é bastante conhecida. O poderio militar e científico e tecnológico que marcaram o surgimento desse meio foi propagado com orgulho pelos americanos para o resto do mundo. Os militares americanos, à época da Guerra Fria, passaram a desenvolver estratégias para superar as inovações soviéticas, que naquele período tinham mandado o Sputnik para o espaço. O establishment militar americano ficou ameaçado diante das conquistas soviéticas e decidiu criar um sistema de trocas de informação que fosse seguro para o uso militar. Além disso, os militares, como já colocamos antes, contaram com os cientistas e os desenvolvedores de tecnologia. Contudo, um traço peculiar nessa história, que nem sempre aparece nos livros que contam as versões oficiais, mas que Castells faz questão de enfatizar: a participação dos hackers. Eles compuseram a contracultura computacional que certamente auxiliaram no desenho que a rede tem hoje.

Foram os hackers, que à época do surgimento da Internet era alunos universitários, que possibilitaram as condições de abertura da rede. Ou seja, ampliaram o uso para além do acesso dos militares e dos professores universitários. Os hackers, por exemplo, foram os que desenvolveram o modem e possibilitaram que os computadores pessoais se conectassem a net.

Essa cultura eletrônica dos primeiros usuários marcou para sempre a evolução e o uso da rede. Embora os tons mais heróicos e a ideologia contracultural tenham desaparecido com a generalização do meio em escala global, as características tecnológicas e os códigos sociais desenvolvidos a partir do uso gratuito original da rede deram forma a sua utilização (CASTELLS, 1999, p. 378).

Com essas informações acreditamos que agora é possível discutirmos um pouco o impacto da Internet. Para tanto, vamos eleger algumas características desse meio e refletir sobre o impacto a partir delas. Sem dúvida, seria exaustivo analisar todas as características desse meio. Contudo, existem três características principais que julgamos serem suficientes para essa pesquisa: interatividade, espaço virtual e tempo real.

Emissor-receptor. Quem é quem na Internet? Certamente, não é possível mais pensar o processo comunicacional de acordo com o esquema lasswelliano: unidirecional, posições estanques e distintas do emissor-receptor e receptor colocado com agente passivo. Na era da Internet não dá para fazer distinções claras sobre quem é o emissor e o receptor. É tudo uma questão de momento. Ou seja, em determinado momento o uso que cada um faz da Internet, se na condição de emissor ou de receptor, ou ainda de receptor-emissor, é qualifica seu papel.



A Internet possibilita uma capacidade única de interatividade e é por essa razão que Martino (2007) acredita que ela seja um meio onde a experiência social acontece. A interatividade entre os usuários faz desse espaço uma ágora mundial (CASTELLS, 1999), onde a experiência social é orientada por uma nova percepção de espaço-tempo, que, de acordo com Castells, são as principais dimensões materiais da vida humana.

A questão do espaço virtual, ou espaço de fluxo como denomina Castells, é outra característica importante. A hegemonia do espaço material é subvertida com os meios eletrônicos. Na Internet a imaterialidade é decisiva. O espaço de fluxos cria localidades e permite a prática social sem a necessidade da materialidade. Transações econômicas, compras de supermercado, consulta a jornais, namoro e até sexo acontecem num espaço sem espaço, ou mais precisamente, sem o espaço material como nós conhecemos. A Internet abala as fronteiras geográficas, antes tão bem definidas.

De acordo com Meyrowitz, a televisão modifica o sentido de lugar, ou seja, nossa relação com a percepção do espaço. Acessibilidade física e social agora são distintas. Ou, mais precisamente, o acesso ao fluxo de informações e a inserção social, especialmente na era da Internet, não é mais uma questão meramente geográfica. Ainda pode ser em alguns casos. Entretanto, não é inegável que as barreiras geográficas ficam abaladas por causa dos meios de comunicação eletrônicos. Meyrowitz também acredita que isso altera o sentido de “nos versus eles”. Ou seja, na Internet, quem são “eles” e quem somos “nós”? Onde estão as fronteiras, que antes eram tão precisas?

Como última característica, vamos falar sobre a questão do tempo, do tempo real, ou tempo intemporal. Castells afirma que a transformação do tempo sobre o paradigma da tecnologia da informação, delineado pelas práticas sociais, é um dos fundamentos de nossa nova sociedade, irremediavelmente ligada ao surgimento do espaço de fluxos, ou espaço virtual, forjado pelos meios de comunicação eletrônicos.

O sistema multimídia cria uma colagem temporal, em que se misturam gêneros e tempos:

Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em seqüências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. Portanto, é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero. É eterna porque alcança toda a seqüência passada e futura das expressões culturais. É efêmera porque cada organização, cada seqüência específica, depende do contexto e do objetivo da construção cultural solicitada. Não estamos em uma cultura de circularidade, mas em um universo de temporalidade não-diferenciada de expressões culturais (CASTELLS, 1999, p. 487).



O tempo forjado pelos meios eletrônicos não é o cronológico, nem o biológico. É o tempo real porque valoriza o presente, o *hit et nunc*. O tempo intemporal é modelado pelo espaço de fluxo, invertendo uma antiga ordem na qual o tempo moldava o espaço moldava o espaço.

Considerações Finais

Meio, mensagem, emissor, receptor esperamos com este artigo ter situado melhor o papel do meio de comunicação, tão pouco investigado na literatura das Ciências Sociais. Os estudos dos meios ainda são uma sombra tênue e tímida diante das pesquisas sobre os outros elementos do processo comunicacional. Como apresentamos no decorrer destas páginas, acreditamos que isso ocorre por causa de uma questão que lhe é anterior, a própria condição da pesquisa sobre a tecnologia, que é vista como menos importante do que os estudos sobre ciência. É por isso que quase não ouvimos falar sobre uma sociologia da tecnologia, ao contrário da proposta da sociologia da ciência.

Os meios de comunicação são mais do que meros transmissores de informações. Os meios também não são uma vitrine de exposição de mensagens, são também palco onde se encena a própria experiência social, onde o real e o virtual se confundem. Muito além das mensagens, eles por si só criam um novo ambiente para se viver e impactam profundamente no nosso comportamento social.

A Internet foi escolhida, como análise privilegiada dessa pesquisa, por ser um meio ferramenta e possibilitar a experiência social. Nossa experiência com o tempo, o espaço, a linguagem e outros são orientados de maneira diferente nessa ágora mundial. As regras são outras nessa nova cultura, promovida pelos meios eletrônicos. Elas estão submetidas a um tempo intemporal e a um espaço de fluxos.

O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultural da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade (CASTELLS, 1999, p. 398).

Decifra-me ou devoro-te! Os mistérios da Internet precisam ser revelados para entendermos sua essência e nos tornarmos livres. Como disse Heidegger: pela compreensão da essência da tecnologia podemos cumprir o nosso destino.



Referências bibliográficas

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Volume I. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1995.

HABERMAS, J. “Ciência e técnica como ideologia”. In: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In: **Ensaio e Conferências**. _____. Rio de Janeiro: Editoras Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2006, 3. ed, pp. 11 a 38.

IHDE, Don. “Heidegger’s philosophy of Technology”. In: Scharff, R. C e Dusek, V. **Philosophy of Technology: the technological condition; an anthology**. Oxford, Blackwell Ltd, 2006.

KATZ, Elihu. “A propôs des médias et de leurs effets”, in SFEZ, L. (org.) **Technologies et Symboliques de la Communication**. Colloque de Ceresy 1988 Press Universitaire de Grenoble, 1990, pp 275-282 (tradução para o português de L.C. Martino, mecanografado, Brasília, 1999).

MARTINO, Luiz. C. Contribuições para o estudo dos meios de comunicação in: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUC-RS, 2000, nº 13, pp. 103-114.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios são as massa-gens**. Rio de Janeiro: GB. Tradução de Ivan Martins, 1969.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place – the impact of electronic media on social behavior**. New York: Oxford University Press, 1985.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo: Papyrus, 1982.

SOUSA, Janara. **Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio**. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2003 (dissertação de mestrado).

TRIGUEIRO, M. G. S. **O debate sobre a autonomia/não-autonomia da tecnologia na sociedade** (mimeo). UnB, Brasília, 2007a.

TRIGUEIRO, M. G. S. **A prática tecnológica** (mimeo). UnB, Brasília, 2007b.